

PROCESSO DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E SEUS IMPASSES NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Isadora Rebeca Alves da Silva Santos¹

Arthur Honório dos Santos²

Mônica Araújo da Silva³

Monique Gabriella Ângelo da Silva⁴

INTRODUÇÃO

A educação, sem dúvidas, contribui de forma significativa para o desenvolvimento intelectual, emocional e social dos educandos; esse é um dos motivos para que tenhamos educação de qualidade ofertada nas instituições regulares de ensino. No Estado brasileiro, temos a educação como direito de todos, garantida com igualdade de condições e acesso à permanência na escola, bem como o Atendimento Educacional Especializado (BRASIL, 1988).

Um dos principais desafios a serem enfrentados na educação, se trata da complexidade no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que para seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, faz-se necessário um sistema educacional que seja democrático que assume o compromisso de fomentar o cenário real da aprendizagem, de modo que atenda não apenas à um grupo específico, mas às exigências de toda sociedade moderna (SOUZA; ALVES, 2017).

Sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), tem dois pioneiros que são majoritariamente citados na literatura do autismo, Kenner e Asperger. O primeiro registro escrito sobre o autismo foi em 1943, por Leo Kanner em um artigo cujo título é “*Autistic Disturbances Of Affective Contact*” (Kanner, Leo; 1943), nesse artigo ele descreve observações que foram feitas a partir do contato direto com seus pacientes. Kanner descreveu o autismo como “Transtorno Autístico do Contato Afetivo” em 1943; hoje temos uma definição mais ampla do que é esse transtorno, de acordo com o Manual Diagnóstico e

¹ Graduanda do Curso de Química Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, isadora.silva@iqb.ufal.br;

² Graduando do Curso de Química Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, arthuouhonorio@gmail.com

³ Docente no Instituto de Química e Biotecnologia, Coordenadora Associada ao Grupo de Pesquisa em Ensino e Extensão em Química – QuiCiência da Universidade Federal - UFAL, monica.silva@iqb.ufal.br;

⁴ Docente no Instituto de Química e Biotecnologia, Coordenadora no Grupo de Pesquisa em Ensino e Extensão em Química – QuiCiência da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, monique.silva@iqb.ufal.br;

Estatístico de Transtornos Mentais em sua 5^a edição (DSM-5), destaca que trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento e que é caracterizado por déficits em dois domínios centrais.

Ele é caracterizado por déficits em dois domínios centrais: 1) déficits na comunicação social e interação social e 2) padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses e atividades. (DSM-5, 2014, p. 209)

De acordo com o DSM-5, o Transtorno do Espectro Autista é um transtorno novo, e como o próprio nome diz, trata-se como “espectro” por conta da variedade de sintomas e níveis que cada pessoa apresenta, o TEA engloba o transtorno autista (também conhecido como *autismo*), a Síndrome de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, dentre outros transtornos. Uma das bases fundamentais para qualquer país é a sua constituição, visto que estabelece a ordem e nos mostra nossos direitos fundamentais como cidadãos. Vale ressaltar que é dever do Estado garantir os direitos sociais. Isso posto, é de extrema importância que o Estado cumpra com seu dever social fornecendo educação de qualidade, como é destacado em seus documentos oficiais.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, (BRASIL, 1988).

Nessa perspectiva, a pesquisa visa compreender como acontece a inclusão de alunos com TEA, entender a percepção dos professores e diretores no que se refere ao ensino e a permanência de estudantes que estão dentro do Espectro. A pesquisa foi feita em escolas municipais de Matriz de Camaragibe, um município do Estado de Alagoas. Para além desses objetivos, também foi discutido a necessidade de capacitação de professores e acompanhantes com profissionais qualificados visando a melhoria no processo de ensino, trazendo resultados significativos.

METODOLOGIA

O presente estudo teve como base uma estratégia de pesquisa qualitativa, por meio de uma pesquisa de campo realizada no município de Matriz de Camaragibe, litoral norte do estado de Alagoas. O estudo foi realizado com questões divididas em duas etapas, sendo a primeira uma análise exploratória dos dados obtidos, e a segunda etapa com delineamento experimental. Dessa forma, tem-se uma pesquisa básica (BURNS; GROVE, 2005), utilizando estratégias sistemáticas afim aumentar o controle da pesquisa e trazer resultados mais aproximados com a realidade.

Este estudo seguiu um protocolo de autorização prévia para a realização da pesquisa, que foi encaminhado para a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), seguido da carta de

explicação e proposta da pesquisa (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010). Outros formulários de autorização foram enviados para os diretores de cada escola do município de Matriz de Camaragibe, para autorizar o início da coleta de dados.

A população-alvo do presente estudo foi representada por professores de seis escolas da rede municipal de ensino no município de Matriz de Camaragibe, totalizando 27 participantes. A amostragem foi do tipo não probabilística, tendo em vista que os elementos da amostra são selecionados de forma não aleatória, o tipo da amostra não probabilística usada foi a denominada “intencional”, ou seja, uma amostra em que o interesse está na opinião de determinados elementos da população, mas não representativos dela (MARCONI & LAKATOS, 1996).

Para a coleta de dados foi elaborado um questionário, seguindo critérios previamente estabelecido, tais quais “linguagem simples e direta para que a compreensão do que está sendo perguntado seja clara”. Além disso, o questionário passou por uma etapa de pré-teste em um universo reduzido para que fosse possível corrigir eventuais erros de formulação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da pesquisa possibilitou a interpretação do que vem acontecendo nas escolas públicas no que concerne o processo de ensino e inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista e também os impasses envolvidos. Ao analisar categoricamente as respostas que foram obtidas através do questionário, foi possível perceber algumas intercorrências no padrão de respostas de alguns professores na categoria que centraliza a inclusão de alunos autistas, entre os 27 professores entrevistados, a fala de duas professoras foram as que mais chamaram atenção, a professora 12 (P12) e a professora 14 (P14). A P12 acredita que tudo é feito para que os alunos que estão dentro do Espectro sintam-se bem-vindos no espaço escolar, mais especificamente na sala de aula regular, já a P14 não acredita que isso de fato acontece, a seguir trazemos as falas da Professora 12 e da Professora 14 à pergunta “tudo é feito para que todos sintam-se bem vindos?”, os nomes não foram usados a fim de manter o sigilo e a confidencialidade.

“Sim; Sempre tento trabalhar de uma maneira diversificada (games, músicas, vídeos, atividades de escrita). Tento perceber a criança, o que a instiga durante a aula, o que a aborrece, se participa ou se acaba se isolando.” **(Resposta da Professora 12)**

“Não; Tenho colegas que não inclui os alunos nas aulas, apenas coloca uma atividade qualquer e esquece, não os tratam como se eles fossem capaz”. **Resposta da Professora 14)**

Nas respostas acima, é possível identificar na fala da professora 14, algo que está muito presente quando se trata de educação inclusiva, o ‘capacitismo’, em sua resposta a professora cita “não os tratam como se eles fossem capaz”, indicando que ainda há essa

problemática que tantos profissionais e pesquisadores da educação deixam claro que não deveria existir. De acordo com o **Glossário de acessibilidade**, o capacitismo ocorre quando alguém considera uma outra pessoa como incapaz, por conta de suas diferenças e impedimentos corporais. Na subcategoria intitulada “as aulas são acessíveis à todos os alunos?”, 81,48% dos respondentes dizem que sim, as aulas são acessíveis, enquanto 18,52% dizem que não, esses impasses estão muito presentes na categoria inclusão. Dos professores que disseram que as aulas não são acessíveis à todos os alunos, em sua maioria descreveu a mesma explicação, o que sugere que há um problema de formação e capacitação de professores, destacamos as falas das professoras 6 e 14 à pergunta supracitada.

“Não; Não somos capacitados pra isso”. (**Resposta da Professora 6**)

“Não; Não temos mais autonomia pra fazer o planejamento do nosso jeito, a coordenação quem faz e diz como quer, então esse planejamento não inclui os alunos especiais. Foi disponibilizado para os cuidadores uns materiais de pintar, então os alunos só pintam, raramente escrevem algo, e só escrevem dependendo do professor que está na sala”. (**Resposta da Professora 14**)

No que tange o processo de ensino e aprendizagem de alunos com TEA, torna-se perceptível que a grande parte dos professores e cuidadores ainda apresentam muitas dificuldades para ensinar alunos com autismo, a principal ocorrência que foi destacada, é a falta de capacitação com profissionais qualificados; há a necessidade da formação continuada para que professores e órgão da gestão saibam como poderão aperfeiçoar o ensino e aprendizagem desses alunos. Além disso, há sempre muito presente a ideia do capacitismo, onde os professores se limitam em trazer apenas atividades de pinturas para alunos que estão dentro do espectro, impossibilitando-os de avançarem nos assuntos abordados, outros professores citam que a dificuldade de comunicação com esses alunos atrapalha no processo de ensino aqui destacamos algumas respostas à pergunta “ao longo dos encontros educacionais, é observado algum avanço no desenvolvimento e aprendizagem do aluno que tem autismo?”.

“Alguns alunos conseguem acompanhar os assuntos normalmente, outros avançam no próprio tempo”. (**Resposta da Professora 2**)

“Como vão avançar se eles apenas pintam e a escola e os professores não cobram deles?” (**Resposta da Professora 14**)

“Observando, houve poucos avanços. Pôr falta de mais formação para o profissional na escola gostaria que tivesse mais”. (**Resposta da Professora 14**)

A problemática que mais foi citada em todo questionário, teve relação direta com a falta de capacitação dos profissionais que estão trabalhando com os alunos autistas, em todo tempo foi citada a necessidade de formação continuada, de cursos que capacitem de forma

efetiva todos os profissionais que estão cuidando desses alunos, a última pergunta do nosso questionário contemplou essa categoria – “Você acha necessária a criação de momentos com profissionais qualificados a fim de capacitar professores e cuidadores de alunos com o TEA?”.

“Muito, normalmente quando os responsáveis chegam para a escola informando o que sua criança tem transtorno do aspecto autista, é informada que a escola precisa do laudo para ser encaminhado à secretaria para então a instituição contratar um(a) cuidador(a) para a criança. Entretanto, não basta contratar alguém para ajudar no desenvolvimento dela sem conhecimento nenhum sobre o espectro, assim como o professor que se encontra, muitas vezes, despreparado”. (**Resposta da Professora 12**).

“Além de necessária é fundamental, os professores se deparam com crianças de todo tipo de comportamentos, e as vezes nem sabe o que fazer, e acabam deixando de lado achando que seja falta de interesse ou vontade da criança, então a formação é necessária que ela abre caminhos para que a criança consiga aprender”. (**Resposta da Professora 17**).

“É de suma importância que haja formação de capacitação dos profissionais que trabalham com alunos com TEA. Para que possamos garantir um trabalho de qualidade e aprendizagem para esses alunos e que seus direitos sejam respeitados”. (**Resposta da Professor 22**).

Analisando as respostas de todos os professores à essa problemática, 100% deles concordam que há a necessidade de cursos de formação continuada, com profissionais qualificados, visando o aperfeiçoamento de professores e cuidadores de alunos com Transtorno do Espectro Autista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar todos os dados obtidos através do questionário, o presente estudo assiná-la para um acentuado comprometimento no que diz respeito à qualidade de ensino ofertada para alunos com Transtorno do Espectro Autista nas escolas públicas do Município de Matriz de Camaragibe. Pode ser destacado também que as escolas, em sua maioria, não são inclusivas. De acordo com SERRA, 2011, uma escola só pode ser considerada inclusiva quando estiver organizada para favorecer cada aluno, independente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer situação.

É perceptível que uma das maiores dificuldades dos professores é, sem dúvidas, o saber lidar e enxergar os alunos com autismo, a maioria dos professores acreditam que a dificuldade seria reduzida se houvessem cursos de capacitação com profissionais inteiramente qualificados, a fim de aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, visando uma aprendizagem significativa.

Além disso, foi destacado que a Secretaria de Educação do Município (SEMED), não fornece esses cursos para a comunidade pedagógica, e a escola em si não oferece apoio com profissionais qualificados, de acordo com os professores, os alunos com algum tipo de

deficiência vai uma vez na semana para um Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado (CEMAEE). Vale ressaltar que o tempo de pesquisa que tinha duração de 1 mês para coleta de dados, se estendeu por 5 meses por apresentar resistência de muitos professores e de gestores da SEMED.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Inclusão, Educação Especial, Desafios, Aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todas as graças concedidas e pela inteligência que Ele me proporcionou em ter “... Ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes. Daniel 2:21”. Também agradeço à minha família, em especial à minha mãe Yolanda e minha avó Amara, que sempre torcem por mim e se alegram por minhas conquistas. Também quero agradecer aos meus amigos, principalmente a Edla Medeiros, Gabriel Lins, Rogério Teófilo, Helena Gomes e Carla Juliana (que tem me ajudado muitíssimo), por sempre me apoiarem e acreditarem em mim nos momentos em que mais desacredito. Em especial, quero agradecer com bastante carinho as minhas orientadoras Mônica Araújo e Monique Ângelo, que me concederam a oportunidade de estar no grupo de pesquisa em Ensino e Extensão em Química – QuiCiência, e por sempre me apoiarem e incentivarem nos meus projetos, agradeço também ao Arthur Honório, coautor desse trabalho, me alegro por ter conhecido você e sou feliz por seguirmos juntos desde o início da nossa graduação.

REFERÊNCIAS

BRASIL; . Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, Imprensa Oficial, 1988.

BURNS, Nancy; GROVE, Susan K. The practice of nursing research: conduct, critique, and utilization. 5th ed. St Louis: Elsevier; 2005.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. Disponível em: <[Kanner-Autistic-Disturbances-of-Affective-Contact-1943-vooiwn.pdf \(bpb-us-e1.wpmucdn.com\)](#)> Acesso em 19 de Agosto de 2023.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. Metodologia da pesquisa: um guia prático. Bahia: Via Litterarum editora, 2010.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa: 5. ed. São Paulo: Editora: Atlas. S.A, 2002;

SOUZA, Anne Madeliny Pereira de; ALVES, Ricardo Rilton Nogueira. A neurociência na formação dos educadores e sua contribuição no processo de aprendizagem. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 34, n. 105, p. 320-331, 2017.

SERRA, Tatiana. Desvendando a deficiência Intelectual, revista: Educação pública, 2011. Disponível em <[Revista Educação Pública - Desvendando a deficiência intelectual \(cecierj.edu.br\)](#)> Acesso em 23 de Setembro de 2023.